



A Recepção da Rádio Católica FM Dom Bosco.¹

Juliana Oliveira ANDRADE²
Faculdade Evolutivo, Fortaleza, CE.

Resumo:

Este trabalho propõe o estudo da recepção dos ouvintes da rádio católica FM Dom Bosco, situada na cidade de Fortaleza. Partindo de reflexões que apontam como a Igreja católica historicamente re-elabora as mediações sobre o uso dos meios de comunicações na difusão de sua mensagem evangelizadora, analisa-se as falas dos receptores referente a audiência do programa Sintonia da Manhã veiculado nessa emissora. Utiliza-se como referencial as reflexões sobre o estudos de recepção, enfatizando o modelo de Codificação/Decodificação idealizado pelo autor Stuart Hall. Conclui-se que os ouvintes se apropriam dos sentidos dominantes ou preferenciais atribuídos ao discurso do programa pela doutrina Católica.

Palavras-chave: Comunicação ; Igreja Católica; Rádios Católicas.

Introdução

Toda manifestação religiosa parte de um sistema de linguagens e conceitos próprios. No entanto, os contextos históricos a que se referem são dinâmicos, ou seja, há singularidades e re-elaborações que partem da necessidade demandadas de circunstâncias diferentes. Este trabalho tem por finalidade apontar brevemente como a Igreja Católica constituiu as mediações sobre o uso dos chamados meios de expressão, enquanto difusores de sua mensagem apostólica. Logo, apresentou-se a necessidade de apontar como essas novas atribuições reverberam nos fieis católicos e como essa releitura dos meios de comunicação liga-se as necessidades sociais e emocionais dos receptores. Para este fim delimita-se o trabalho a recepção da rádio FM Dom Bosco, delimitando-o ao programa Sintonia da manhã, as falas dos receptores são tematicamente analisadas partindo dos pressupostos de Stuart Hall (2003) e sua leitura sobre as formas de codificação onde o receptor vêm a atribuir de significação a mensagem atribuída. Este texto remete-se a um trabalho mais amplo realizado para projeto de finalização de curso, com base em pesquisa bibliográfica e entrevistas com abordagem quantitativa para análise do objeto de estudo.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba-PR, 4 a 7 de setembro de 2009.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social- Publicidade e Propaganda da FACE, email: andrade.julianas@gmail.com



1. A Igreja Católica e os meios de comunicação: gênese e re-elaborações

De tradição oral, as bases da Igreja primitiva foram lançadas através da palavra passada de geração a geração. Quando os livros manuscritos foram substituídos pelos livros impressos, por volta de 1520, às primeiras publicações foram compilações e versões leigas da Bíblia (DAVIS, 1990). Embora de início, note-se a intrínseca relação das formas de comunicação na constituição das interações que circunscreveriam os dogmas que serviram de alicerce a construção da Igreja Católica como instituição universal, a igreja não se interessava pela mídia. Segundo o artigo “Do sermão do Monte à pregação na TV: a presença das Igrejas Católica e Universal na Mídia Brasileira”, o primeiro documento sobre a mídia foi escrito em 1487, *Inter Múltiplices*, pelo Papa Inocêncio VIII, este documento exigia censura para as publicações leigas. Segundo o Papa, as ideias contrárias à fé e aos bons costumes encontraram terreno fértil nesse meio e difundiam-se na sociedade (FERNANDES, 2004 apud CABRAL; CABRAL FILHO, 2007). Conforme Davis (1990) explicita, a palavra impressa tornava-se rapidamente o meio de propagação de novas ideias à medida que criava novas redes de Comunicação e abria novas opções para o povo. Por essa razão ameaçava a hegemonia Católica, pois esta perdia gradativamente o monopólio da explicação das “coisas do mundo”, não obstante, o mesmo meio oferecesse também novas formas de controle ideológico e propagação da fé.

Com o advento da Reforma Protestante no século XVI e o aumento significativo do proselitismo na Europa, a Igreja Católica se fecha em seu dogmatismo e por quatro séculos assume uma postura defensiva em que procurava controlar o conteúdo das mensagens emitidas pelos meios de comunicação em nome da defesa do patrimônio da fé e de sua ordem moral. Somente com o Papa Leão XIII (1878- 1903), a imprensa foi vista como instrumento que poderia levar ao povo a mensagem de evangelização, nesse contexto a imprensa Católica crescia por toda a Europa como arma propagandística em defesa dos ideais cristãos (DELLA CAVA; MONTERO, 1991). Contudo, foi a partir do Concílio³ do Vaticano II, anunciado por João XXIII em janeiro de 1959 e por ele convocado, que se organizou a visão moderna da Igreja Católica sobre a sociedade e o fenômeno dos meios de Comunicação.

³ Na História da Igreja Católica, Concílio é uma reunião de bispos e outros dignitários eclesiásticos, feita com regularidade, para tratar e legislar em matérias de interesse para as Igrejas de determinada região. O Concílio Ecumênico onde se reúnem todos os bispos é convocado e presidido pelo Papa, destinada-se a dirimir questões de doutrina e disciplina de interesse para uma Igreja universal (Enciclopédia Católica Popular, 2008).



Pela primeira vez a Igreja organiza um Concílio como evento a despertar interesse público, tomando consciência que está na mídia, parafraseando Montero (1991), era estar no mundo. É a partir do Concílio em que a Igreja, lançando novas diretrizes, transforma seu posicionamento perante os meios de comunicação e sua missão de evangelização, fazendo com que a comunidade eclesial empreenda nas nações a tarefa de utilizá-los. As Assembleias Conciliares dedicaram aos *media* um documento, o decreto *Inter Mirifica* sobre os Meios de Comunicação Social (4/12/1965) consagrando-os a uma nova forma de evangelização a atingir o povo (MACIEL, Pe, 1984).

Entre as maravilhosas invenções da técnica que, principalmente nos nossos dias, o engenho humano extraiu, com a ajuda de Deus, das coisas criadas, a santa Igreja acolhe e fomenta aquelas que dizem respeito, antes de mais, ao espírito humano e abrem novos caminhos para comunicar facilmente notícias, ideias e ordens. Entre estes meios, salientam-se aqueles que, por sua natureza, podem atingir e mover não só cada um dos homens, mas também as multidões e toda a sociedade humana, como a imprensa, o cinema, a rádio, a televisão e outros que, por isso mesmo, podem chamar-se, com toda a razão meios de comunicação social (CONC. VATICANO II, *Inter Mirifica*, Cap. I, art. 1).

Embora tenha sido escrito num clima de euforia renovadora da Igreja, o decreto tem a vigilância como palavra de ordem, por este motivo pouco avança em relação à postura de censura perante os meios de comunicação, pois cabe ao apostolado instruir o modo de como os fiéis deverão utilizar os meios.

À Igreja, pois, compete o direito nativo de usar e de possuir toda a espécie destes meios, enquanto são necessários ou úteis à educação cristã e a toda a sua obra de salvação das almas; compete, porém, aos sagrados pastores o dever de instruir e de dirigir os fiéis de modo que estes, servindo-se dos ditos meios, alcancem a sua própria salvação e perfeição, assim como a de todo o gênero humano (CONC. VATICANO II, *Inter Mirifica*, Cap. I, art. 3).

Entretanto analisando a constituição Pastoral *Gaudium et Spes* editado dois dias após o *Inter Mirifica* (6/12/1965), nota-se que, embora não se remetendo exclusivamente ao uso dos meios de comunicação, parece viabilizar a mudança de posição no papel sócio-político da Igreja Católica, conseqüentemente o uso dos *media*, pois definindo o fenômeno comunicativo dentro de uma visão do homem como agente ativo de sua cultura “em vez de enfatizar uma definição do homem como criatura divina ele o define como produtor de cultura em que vive” (DELLA CAVA; MONTEIRO, 1991, p. 132) . Ressalta a diversidade das sociedades e se propõe a um diálogo com as nações de realidades diferentes e por vezes antagônicas.



Em virtude da sua missão de iluminar o mundo inteiro com a mensagem de Cristo e de reunir sob um só Espírito todos os homens, de qualquer nação, raça ou cultura, a Igreja constitui um sinal daquela fraternidade que torna possível e fortalece o diálogo sincero. Isto exige, em primeiro lugar, que, reconhecendo toda a legítima diversidade, promovamos na própria Igreja a mútua estima, respeito e concórdia, em ordem a estabelecer entre todos os que formam o Povo de Deus, pastores ou fiéis, um diálogo cada vez mais fecundo [...] (VATICANO II, *Gaudium et Spes*, Cap.V, seção II, art. 83).

Deste modo, recorrendo à oportuna capacidade apostólica de separar o “joio do trigo” assegura para si o papel hegemônico de mediadora das contradições e conflitos que surgem de realidades diferentes e antagônicas. Nesse sentido, a Instituição Católica justifica o uso dos meios de Comunicação “como ‘dons de deus’ na medida em que, segundo intenção providencial, criam laços de solidariedade entre os homens [...]” (VATICANO, *Communio et Progressio*, art. 2).

Quando a Igreja, em virtude da sua missão divina, prega a todos os homens o Evangelho e lhes dispensa os tesouros da graça, contribui para a consolidação da paz em todo o mundo estabelecendo o conhecimento da lei divina e natural como sólido fundamento para a solidariedade fraterna entre homens e entre os povos. É, portanto, absolutamente necessário que a Igreja esteja presente na comunidade das nações, para fomentar e estimular a cooperação entre os homens [...] (VATICANO II, *Gaudium et Spes*, Cap.V, seção II, art. 89).

Ou ainda como observa Della Cava e Montero (1991, p.133) “Nessa geografia heterogênea de cultura em que o mundo se tornou aos olhos do Concílio, os meios de Comunicação passam a ter papel fundamental: eles se tornam os elementos unificadores da diversidade”. Nesse contexto, os MCM aparecem como unificadores da diversidade, porém não comprometidos com seu papel no desvendamento do processo de desigualdade social, como se as desigualdades pudessem ser transformadas a partir da mídia.

Seis anos mais tarde foi redigido a Instrução Pastoral *Communio et Progressio*, publicado em 1971, seu texto é totalmente dedicado aos meios de comunicação social, pela primeira vez a Igreja abdica do controle da mensagem e tenta compreender o fenômeno comunicativo, embora alertem contra o uso indevido dos meios de comunicação, vêm inserida de uma valorização ao direito humano de informação segura, que servisse de base para a formação de uma consciência crítica, desta forma o apostolado católico apregoa que também a Igreja tem o direito de usufruir a serviço do progresso humano, e segundo o evangelho, dos meios de comunicação para que as sociedades passem a conhecer o seu modo de pensar.



É importante reconhecer que a Igreja é uma instituição de muitas vertentes exercendo influências nas formas de se realizar e de interpretar a religiosidade no pluralismo sócio-cultural das sociedades. Logo, é interessante ressaltar as interpretações desencadeadas também no âmbito comunicativo, questão premente em qualquer cultura. Nesse sentido, enfatizar-se-á brevemente um dos capítulos mais interessantes da história recente da Igreja Católica no Brasil, ligada a uma espécie de esquerda eclesiástica e na produção de uma comunicação de “povo para povo” oriunda na década de 70 e 80, no Brasil e no contexto latino- americano.

1.2. CEBs, comunicação de “base para a base”

Vinculadas numa rede de comunicação e tendo por contexto histórico a consolidação da ditadura militar no Brasil, as CEBs constituíram-se num espaço para reflexão e educação popular, comprometida com a conscientização da classe trabalhadora brasileira, embora tivesse caráter religioso, ou seja, consciência de uma missão evangelizadora. Segundo Frei Betto, as CEBs são:

[...] pequenos grupos integrados por leigos e cristãos, organizadas em torno de uma paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa em geral, dos padres e bispos católicos [...] São comunidades porque reúnem pessoas que têm a mesma Igreja e moram numa mesma região, o que permitem se conhecerem pelo nome. Motivadas pela fé cristã essas pessoas vivem uma comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência e subsistência imediatas: [...]. São eclesiais porque congregadas na Igreja Católica, como núcleo básico de comunidade de fé. São de Base porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares) [...] (BETTO, Fr., 1986, p. 99- 100).

Nota-se que a “opção pelos pobres” persiste, contudo a orientação pastoral exercida nas CEBs reconfigura-se, e passa a abordar o caráter combativo das lutas populares, abandonando o secular assistencialismo apostólico (ASSMANN, 1986).

Nesta vertente, o povo estabeleceu sua posição na produção de seu papel histórico, referente às classes dominantes, abandonando seu papel de eterno coadjuvante na mudança social e contestou a normatização de uma sociedade que se origina nas cúpulas. Acrescentar valor discursivo as CEBs nesse contexto se encontra nas formas de comunicação que foram desenvolvidas dentro dessas comunidades. Incitando os membros das CEBs a uma reflexão partindo de sua própria realidade social, buscou-se resposta a necessidades reais. O método que se utilizou nas CEBs era o ver-julgar-agir (BETTO, Fr., 1986). As pessoas traziam para as reuniões seus problemas no bairro, na



família, etc; era o ver, cada qual escuta, divide com o grupo suas experiências e escutam a do outro, mediados pelos agentes pastorais (leigos engajados, padres e freiras) – Ressalta-se que os agentes adotavam formas da expressão popular, não exerciam uma função, nos dizeres de Puntel (1984), colonialista, não iam preparados para ensinar a comunidade e sim trabalhar integralmente com eles - ponderavam de acordo com o evangelho (não se deve esquecer o caráter religioso dos encontros) procurando soluções, era o julgar. Planejando como enfrentar dado problema, estabeleciam um objetivo e determinavam os critérios da ação (por meio de mutirões, abaixo-assinados, ou formas mais ampliadas de organização como cooperativas, centro de defesa dos direitos humanos, etc.); era o agir.

Para alcançar esse fim, o papel da comunicação teve vital importância. As Comunidades Eclesiais de Base compreendiam uma extensa rede de comunicação onde se multiplicavam boletins, cadernos, folhetos, canções, dramatizações. Segundo Puntel (1984), o material era projetado pelo povo, para o povo, sob mediação e coordenação dos agentes pastorais. Os temas do material escrito, assim como as demais formas de comunicação, eram sugeridos pela população, destarte produzidos no meio popular para inteligência popular. A mensagem é enriquecida por ilustrações, desenhos e fotos que representam a verdadeira fisionomia das pessoas a quem o material se dirige.

É comum encontrar textos destinados às classes populares ilustrados por artistas sem nenhuma convivência com essas classes: seus desenhos são operários esqueléticos e de roupas rasgadas, crianças entre montes de lixo, ratos entre utensílios da casa. É uma visão pauperista do popular, com a qual os membros da comunidade não se identificam e, por isso, não gostam (BETTO, Fr., 1986, p. 108-9).

Nesse contexto, aflora todo um processo criativo que parte das classes populares, pela natureza crítica da cultura popular. Retirando da Comunicação o estigma de instrumento de alienação efetuada por pequenos grupos elitistas que possuem os meios e se encontram interessados em legitimar as formas de poder. Paradoxalmente contestando a própria ideologia cristã de “sofrimento com abnegação recompensado nos reino dos céus”. Não é por acaso que setores do apostolado católico divergiam sobre o papel social que deveria ser desenvolvido pelas Comunidades Eclesiais de Base. O crescimento que as Comunidades Eclesiásticas dentro da Igreja levaram a questionamentos que melhor posicionaram a Instituição no contexto da sociedade.



Buscava-se um novo modelo de Igreja, mais evangelizadora, desprovida de ambições e comprometida com a causa dos oprimidos (BETTO Fr., 1986).

Segundo Festa (1986) no contexto histórico das CEBs a Igreja vai criar e apoiar vários centros de documentação e comunicação popular comprometidos com a conscientização das camadas populares por todo o país. Ainda dentro da trajetória das CEBs, a Igreja Católica vivenciou inúmeras experiências de Comunicação Popular entre rádios e jornais comunitários (FESTA; SILVA, 1986).

Procurou-se contextualizar como a Igreja percebe e re-elabora as mediações sobre os Meios de Comunicação, articulando-os a seu papel pastoral e na difusão dos preceitos católicos. Analisa-se que grande parte da literatura se ocupou da relação da Igreja com as formas de comunicação, partindo de perspectiva unilateral, ou seja, concentrando-se na forma com a Igreja usa a comunicação ao seu favor, e pouco como o receptor reage as essas novas definições num contexto particular. Destarte, propõe-se a análise das falas dos receptores da emissora católica FM Dom Bosco, situada na cidade de Fortaleza (CE), procurando sintetizar de forma factual como as interações entre essas duas perspectivas atualmente se concretizam.

2. FM Dom Bosco- 96,1 MHz

A Fundação Educacional Salesiana Dom Bosco, a Rádio FM Dom Bosco, encontra-se atrelada a Sociedade de São Francisco de Sales (Congregação Salesiana) que tem origem no projeto educativo desenvolvido na Itália na primeira metade do século XIX por João Melchior Bosco, Padre João Bosco (ou Dom Bosco, designação utilizada na Itália) (LAGES, 2003).

Idealizada pelo Padre Sebastião Silveira, o então pároco da Igreja de Nossa Senhora da Piedade na cidade de Fortaleza. A emissora FM Dom Bosco é uma entidade civil de direito privado, sem fins lucrativos. Fundada em 29 de janeiro de 1998, foi permissionada pelo Ministério das Comunicações, conforme ato publicado em Diário Oficial da União em 21/12/1999 e ratificado pelo Congresso Nacional através do Decreto de 18/04/2001.⁴ Seu raio de alcance engloba toda a região metropolitana de Fortaleza e os municípios de Antonio Diogo, Beberibe, Cascavel, Fortim, Guanacés, Guaramiranga, Itapebussu, Mulungu, Pacajús, Pacatuba, Pindoretama, Redenção, São Gonçalo do Amarante, Tururu e mais 100(cem) localidades no estado do Ceará. A FM

⁴ Dados fornecidos pela coordenadoria geral da FM Dom Bosco, sob parecer da Senhora M^a Eliete Carvalho.



Dom Bosco também pode ser sintonizado por meio seu endereço eletrônico na Internet: www.fmdombosco.com.br. Atualmente FM Dom Bosco se encontra sob direção do Padre Orsini Nuvens Linard.

A proposta comunicativa da emissora tem por objetivo a edificação de uma rádio voltada para a comunidade contribuindo diariamente com a construção do processo educativo, cultural e religioso de seus ouvintes sem fins lucrativos, por tanto, pondera-se que a abordagem proposta transita entre o caráter comunitário e ao educativo-cultural. No entanto, não se tenciona afirmar que a rádio é por definição comunitária ou educativa ou ainda, que a emissora estrutura-se e segue o modelo empresarial, conseguinte para tal fim, incorre numerosos procedimentos legais e jurídicos no qual a emissora FM Dom Bosco não se enquadra.

Com adverte Peruzzo (2007, p. 69), é recomendável flexibilidade na classificação das rádios consideradas comunitárias, pois, “há também emissoras de caráter religioso ou ligadas a universidades que se revelam como comunitárias”. Nessa perspectiva apresenta-se o programa analisado.

2.1. O Programa Sintonia da manhã

O programa Sintonia da manhã é destinado ao público adulto católico acima dos 25 anos ⁵, é apresentado pelo radialista Gil França. Segundo grade cedida pela emissora, oficialmente o programa vai ao ar de segunda a sexta-feira a partir das nove horas da manhã estendendo-se ao meio-dia. No entanto, de segunda a quarta-feira, o programa termina às dez horas da manhã, pois, logo após a retransmissão do programa Experiência de Deus apresentado pelo Padre Reginaldo Manzotti⁶, entra no ar programas de opinião sobre temas católicos ou sociais elaborados pela rádio.

Analisou-se tematicamente a gravação de 7 (sete) dias de transmissão do programa (período que compreende os dias 02/09/2008 à 08/09/2008 e 30/10/2008 à 31/10/2008). *A priori*, observa-se que o programa é predominantemente musical, preenchendo cerca de 40% da programação. Embora as músicas constituam-se de temáticas bíblicas, englobam de forma intercalada diversos gêneros (Forró, axé, rock, sertanejo, pop, reggae, eletrônica) atendendo o gosto musical de vários públicos, dos estilos jovens aos de cariz conservador.

⁵ Informação cedida por M^ª Eliete Ribeiro, Coordenadora Geral da FM Dom Bosco.

⁶ Pároco da região do Guabirotuba, em Curitiba (PR), transmite o programa Experiência de Deus através da rádio Evangelizar AM 1060 KHz.



No conteúdo dos programas analisados observa-se a preocupação de estabelecer a mídia rádio como um instrumento de manutenção da mensagem de evangelização proposta pela emissora, na qual se enfatiza o papel preponderante dos ouvintes na concretização desse propósito, fato que pode ser observado na enunciação do apresentador Gil França:

No evangelho de hoje podemos ver a opção de Jesus em duplo sentido, no sentido apologético que é manifestar a divindade de Jesus, e o sentido simbólico que é indicar qual seria a missão de Pedro, dos apóstolos e de toda a Igreja em geral, missão de serem pescadores de homens para a fé cristã, você amigo também é um pescador de homens [...] De agora em diante meu amigo minha amiga, você vai pescar homens, mulheres não tenha medo, não tenha medo é isso que Jesus faz contigo aqui agora, não tenha medo, ele sabe das tuas fraquezas dos teus problemas, mas te quer ver pescador de homens, restaurador de famílias, libertador dos presos, acolhedor dos excluídos, dos abandonados em fim a dar a vida em abundância. Por tanto eu repito, seja firme, firme e não tenha medo. Assim seja. Amém (Trecho do “Programa Sintonia da manhã” transmitido em 04 de setembro de 2008).

São abordados ainda assuntos como aborto, política, exclusão social, entre outros, todos fundamentados nas resoluções da Instituição Católica. Observa-se que as questões abordadas tendem a servir de referência as atitudes do ouvinte em suas relações sociais. Corroborando com essa afirmação, analisa-se um trecho do programa no dia 04 de setembro de 2008 durante a campanha eleitoral para a prefeitura de Fortaleza:

E esse ano vale sempre salientar nós temos eleições municipais, vamos eleger candidato a prefeito ou a prefeita e os nossos candidatos a vereador, a vereadora. Nós temos que pensar bem, discernir bem quem são essas pessoas por que elas são os nossos representantes [...] Então a Igreja não toma partido, a Igreja não pode tomar partido, muitas pessoas às vezes esperam que a Igreja tome partido, mas como dizia muito sabiamente o nosso antigo arcebispo Dom Aluisio Lorscheider de saudosa memória que se partido político fosse perfeito, não era partido era inteiro. É por isso que a Igreja não toma partido. **A Igreja quer nos dá um direcionamento e como nós devemos votar qual o perfil das pessoas que devemos votar. Cuidado com aqueles candidatos que são a favor do aborto, com aqueles candidatos que são contra a vida.** Com aqueles candidatos que já tem comprovadamente denúncias de corrupção contra sua pessoa, que principalmente não tem projetos para a nossa cidade. É por isso que temos que ter muito discernimento nessa hora [...] (Trecho do programa “Sintonia da manhã”, transmitido em 04 de setembro de 2008, grifo nosso).

Conquanto a citação seja longa, ressalta-se, entre outros detalhes relativos ao posicionamento político adotado na Igreja e que é encontrada no programa Sintonia da manhã, uma visão conservadora na qual se pressupõe que o eleitor cristão não vota em



candidatos que são contra a vida (ou seja, a favor do aborto). É significativo ressaltar outro trecho do programa no qual se nota uma atitude que diverge da postura de comprometimento com a mudança social adotada na trajetória da ala reformista ou de esquerda da Igreja Católica citadas anteriormente. No programa transmitido no dia 10 de outubro de 2008, um colaborador do programa é convidado a dissertar sobre o 7º mandamento da lei de Deus, “Não furtar”. No decorrer do quadro o tema transcorre para a propriedade privada, no qual o entrevistado afirma:

A Igreja apóia a propriedade privada, a terra é por direito daqueles que a compraram ou receberam de herança, mas ao mesmo tempo pode ser partilhado por outrem, o que se pode fazer é os donos partilharem com os desvalidos de maneira que todos fiquem felizes, isso se chama de "destino universal dos bens" dessa forma o dono da terra compartilha suas terras com os que precisam e em troca, eles dividem o que produziram com o dono da terra, podendo ajuda os outros. (Trecho do programa “Sintonia da manhã”, transmitido em 10 de outubro de 2008).

Nota-se no trecho acima uma posição de partilha da terra. O programa não aborda diretamente a problemática do latifúndio, tão pouco a atuação do movimento rural Sem Terra, temática exaustivamente abordada na mídia comercial. Procura-se resolver ou tratar da questão agrária sob tom conciliador abordado pela ala conservadora da Igreja Católica. Fica exposto, portanto, a postura da instituição, na qual tudo se recorre à fé, a primazia divina. Não são abordados as desigualdades e os conflitos sociais bases da sociedade capitalista. Estas partiriam de uma leitura leiga da situação. O programa adota a argumentação religiosa tradicional.

3. Definindo a metodologia

O método para a coleta de informações será entrevistas semi- estruturadas. Buscando compreender melhor as interações que envolvem o processo comunicativo entre a rádio FM Dom Bosco e seus ouvintes, identificando, desta forma, a apropriação que o receptor ocupa nesse processo, analisa-se o grupo de entrevistados formado por doze ouvintes do programa Sintonia da manhã. O grupo é composto de nove mulheres e três homens, com idades que variam entre 20 e 60 anos. São ouvintes que sintonizam a FM Dom Bosco logo cedo pela manhã, escutam o programa estudado e em alguns casos se dedicam a escuta de boa parte da programação da emissora.

As entrevistas, em suma, foram realizadas nas residências dos ouvintes ou em seu local de trabalho. Considera-se fator preponderante conhecer o cotidiano do receptor, suas relações familiares, influências religiosas e vinculações socioculturais,



por se entender que estas interações fazem parte do processo comunicativo como um todo. Por exemplo, as costureiras Dona Itamê (56) e Dona Cleide (42) trabalham em casa; Antônia (32) é manicure e atende em sua residência e Dona Dorinha (Maria das Dores) (50) que se apresenta como dona-de-casa, mais revende peças de vestuário em seu domicílio. Além de cuidar da administração do lar, essas ouvintes lidam com seus fregueses, suscitando outra característica dessa audiência, atendendo ao propósito evangelizador do programa, esses ouvintes apresentam-no a sua clientela, “evangelizam”, tratam das bênçãos alcançadas com a escuta do programa e etc.

As entrevistas realizadas no local de trabalho do ouvinte circundam mulheres que trabalham fora de casa, como Jocicleide (40), auxiliar administrativo; Adriana (41), professora de português e redação; Ângela Maria (36), balconista de loja; Dona Conceição (34), balconista de farmácia, assim como Marcos Antônio (39), balconista de farmácia e marido de Dona Conceição que participassem ativamente da vida religiosa em seu contexto social, por fim Seu Luís (50), mecânico que escuta o programa enquanto concerta carros em sua oficina e lê a bíblia diariamente. Segundo essa característica à audição se evidencia nos intervalos entre o atendimento aos clientes. Ou nos espaçados momentos de descanso. Realizou-se também entrevistas com os jovens Jéssica (20) e Leonardo (19) que mantêm uma relação diária com o programa a partir da escuta de seus familiares.

3.1. As falas dos ouvintes

A problematização iniciada com a análise temática das falas dos ouvintes tem como pressuposto o modelo de codificação/decodificação apresentado por Stuart Hall (2003). Hipoteticamente, a doutrina Católica corresponderá à posição que detém os sentidos dominantes ou preferenciais e que rege mediante sua pragmática como os acontecimentos serão compostos de significação. O programa estudado será uma parte do processo, o meio no qual a mensagem circula. Na análise será apresentada como a decodificação se realiza (hegemônica-dominante; código negociado e código de oposição) e que sentido será atribuído a mensagem pelos ouvintes.

De acordo com o contexto apresentado anteriormente observou-se que os receptores apresentam forte ligação afetiva com o programa por partilharem experiências religiosas. Ao serem perguntados o que a escuta do programa representava para eles, embora com respostas diversas, em suma, as representações feitas condiziam com a proximidade com Deus, a sensação de paz e tranquilidade num meio social



marcado pela violência e ainda a proximidade com as temáticas da Igreja Católica no Brasil e no mundo.

[representa] Oração, alegria e muita paz interior diferente de tanta violência que a gente vê no mundo. Paz interior e conhecimentos de como a nossa igreja pensa e está no mundo (Entrevista com Conceição, ouvinte do programa Sintonia da manhã, abril de 2009).

Um momento de muita paz, né? Assim com conhecimento em deus. Então é uma série de conhecimentos dos dogmas da Igreja, e de muitas informações que desconhecemos da Igreja (Entrevista com Maria Cleide, ouvinte do programa Sintonia da manhã, abril de 2009).

Referente ao que mais gostavam no programa as respostas direcionaram-se para os momentos oracionais, a maior parcela representada pela retransmissão do programa Experiência de Deus, apresentado pelo Padre Reginaldo Manzotti, sob esse aspecto encontra-se percepções particulares que perpassam no cotidiano do receptor, suas dificuldades pessoais intimamente ligados aos problemas enfrentados no âmbito doméstico, nota-se que a audiência se dá como uma troca, ouvir significa portanto alcançar algo almejado, superar uma dificuldade. Como pode se comprovar nas falas a seguir,

Gosto mais das orações, por que já consegui milagres, já consegui fazer que o meu marido deixasse de beber [...] Sinto muita paz e minha fé é muito presente na minha vida. E é por isso que assisto o programa (Entrevista com Maria das Dores, ouvinte do Programa Sintonia da manhã, abril de 2009).

As novenas por que gosto de ouvir os testemunhos das pessoas que alcançam os milagres, me emociono mesmo, é só bater na minha porta na hora do programa, pra me encontrar chorando, eu tava chorando aqui quando você chegou, são muitas graças, aí você vê como deus é grande. (Entrevista com Itamê, ouvinte do programa Sintonia da manhã, abril de 2009).

Esse aspecto confere ao programa uma audiência constante, enquanto problemas pessoais podem obstruir a audição de programas comerciais, estes atribuem ainda maior importância ao programa no qual as soluções serão encontradas nas orações, na comunhão com Deus. Dessa forma, a escuta do programa lida com perspectivas emocionais, sentimentos como esperança, fé e gratidão profundamente arraigados.

É interessante observar que relativo à escuta de programas comerciais, os ouvintes os consideram “mundanos” por isso mesmo transitórias e “artificiais”, onde não existe espaço para educação e cultura, o programa Sintonia da manhã é legitimado como o inverso de todas essas acepções por seus vínculos criados com a religiosidade dos receptores.



A diferença é que esse programa nos leva a palavra de deus, e as outras só transmitem as coisas do mundo, daí você tira o que é que tem mais valor. (Entrevista com Jocicleide, ouvinte do programa Sintonia da manhã, abril de 2009).

A diferença é óbvia o Sintonia da manhã é voltado para espiritualidade e os outros programas são apenas oportunismo (Entrevista com Leonardo, ouvinte do programa Sintonia da manhã, abril de 2009).

Por que as rádios de Fortaleza transmitem programas mundanos, e não transmite nem uma mensagem educativa, nem religiosa (Entrevista com Antônia, ouvinte do programa Sintonia da manhã, abril de 2009).

A mensagem adquire credibilidade praticamente incontestável por remontar a uma rádio cristã, o que pode ser caracterizado mediante as respostas obtidas dos ouvintes quando indagados se concordavam com tudo o que era dito no programa. Dez ouvintes rapidamente confirmaram concordar com tudo o que era dito no programa, sem exceções, embora ressaltem ter opinião própria, ou concordarem por o programa apresentar coerência com a verdade uma vez que o atribuem ao apresentador confiabilidade por tratar de assuntos abordando os conhecimentos repassados pela Instituição Católica.

Conforme os pressupostos de Hall (2003, p. 400), esse processo comunicativo onde não ocorrem discordâncias entre o sentido atribuído a mensagem e a significação dentro dos limites interpretativos apresentados pelo sentido dominante, no caso o contexto religioso católico, caracterizaria a “comunicação perfeitamente transparente” portanto a decodificação ocorreria dentro da posição hegemônica-dominante, é interessante a ressalva de uma característica peculiar, nessa contextura a mensagem no programa Sintonia da manhã não é necessariamente construída para persuadir, influenciar o ouvinte a aceitar a posição tomada no programa e gerar uma ação. A significação é atribuída explicitamente para ao receptor que a absorve de maneira acrítica e a repassa novamente para seu contexto sócio-afetivo. A mensagem é a onipresença da natureza e missão da Igreja sobre as questões temporais. Ou seja, o direito secular de atribuir as diretrizes a serem seguidas.

Sim, confio que o apresentador do Sintonia da manhã e também todos os apresentadores da Dom Bosco são pessoas que vive o que apresentam para os ouvintes, então têm base para falarem e que falam (Entrevista com Conceição, ouvinte do programa Sintonia da manhã, abril de 2009).

Eu concordo com o que se diz no programa sim, aliás, minha filha sou assim com toda a programação (Entrevista com Itamê, ouvinte do programa Sintonia da manhã, abril de 2009).



Dez ouvintes rapidamente confirmaram concordar com tudo o que era dito no programa, sem exceções, embora ressaltem ter opinião própria, ou concordarem por o programa apresentar coerência com a verdade uma vez que o atribuem ao apresentador confiabilidade por tratar de assuntos abordando os conhecimentos repassados pela Instituição Católica.

Corroborando com essas afirmações, perguntou-se a opinião do receptor a um tema polêmico para as diretrizes católicas, recorrente nas discussões em sociedade e anteriormente abordado no programa Sintonia da manhã. Inquiriu-se qual a opinião do entrevistado sobre o aborto e se a questão tinha sido tratada no programa. As representações feitas não se distanciam do padrão apresentado até o momento, a opinião de todo o grupo de entrevistados, excetuando do grupo mais jovem convergiram para o conjunto de significações definidos pela Igreja, os ouvintes alegaram ser totalmente contra um aborto por se tratar de um crime contra a vida, consequentemente contra deus. Logo, confirmaram que o assunto foi tratado no programa apresentando argumentos de forma esclarecedora, onde se evidencia a posição do programa e a forma como os católicos devem tratar o assunto.

Sou contra, porque existem métodos para se evitar uma gravidez e não é com um aborto que a situação será definida, creio que trará severos danos para a mulher. O programa já tratou e trata desse assunto de forma esclarecedora e não nega que é contra o aborto (Entrevista com Adriana, ouvinte do programa Sintonia da manhã, abril de 2009).

Sou contra, por que ninguém tem o direito de tirar a vida de um ser humano. Sim, ele fez todas as explicações desde a concepção até o feto e mostrou que a vida se da na concepção, por que até um espermatozoide é uma forma de vida, por que matar um ser humano? Deus já te conhece antes mesmo de ser concebido, então ta matando do mesmo jeito (Entrevista com Maria Cleide, ouvinte do programa Sintonia da manhã, abril de 2009).

A confiança “acrítica” ratifica que o ouvinte raciocinando que a emissora, representada pelo programa Sintonia da manhã, se encontra dentro dos pontos de vista da doutrina Católica tradicional, adota-o como referência, equivalendo-os como seus caracterizando o que Hall (2003) definiu como posição hegemônica-dominante. Evidencia-se que a perspectiva de comunicação apresentada pela Igreja Católica, relativo à suas re-elaborações, circunscreve hegemonicamente o contexto sócio-cultural dos ouvintes da rádio FM Dom Bosco. Em todo caso, fomentar massivamente o propósito evangelizador da Igreja Católica faz parte de um complexo sincretismo de



novas e velhas significações, que precisam ser continuamente avaliadas por se tratar de um fenômeno cultural, destarte em constante modificação.

Referências

ASSMANN, H. *A Igreja eletrônica e seu impacto na América Latina*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

BETTO, Fr. *Comunicação popular e Igreja*. In: FESTA, R; SILVA, C.E.L. (orgs.). *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 99-117.
CABRAL, E.D.T; CABRAL FILHO, A.V. *Do sermão do monte à pregação na TV: a presença das Igrejas Católica e Universal*. In: TRANSFERETTI, J. A; LIMA, M. E. O. (orgs.). *Teologia, ética e mídia*. Rio de Janeiro: Sotese, 2007, p. 303-27.

CONC. VATICANO II. *Apostolado Veritates Splendor: decreto Inter mirífica*, 2003. Disponível em: <<http://www.veritates.com.br/article/2439>>. Acesso em: 18 ago. 2008.

_____. *Apostolado Veritates Splendor: constituição pastoral Gaudium et Spes*, 2004. Disponível em: <<http://www.veritates.com.br/article/3800>> . Acesso em: 19 ago. 2008.

DAVIS, N. Z. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DELLA CAVA, R; MONTERO, P. *E o verbo se faz imagem: igreja católica e os meios de comunicação no Brasil, 1962-1989*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
FESTA, R. *Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa*. In: FESTA, R; SILVA, C.E.L. (orgs.). *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 9-30.

HALL, S. Encoding/Decoding. *Culture, media, language: Working papers in cultural studies*. In: HALL, S. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaide La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 387- 402.

MACIEL, Pe. J. R. *Igreja, comunicação e comunidade: antes e depois do Vaticano*. In: MELO, M. M. (coord.). *Igreja, empresa e comunicação*. São Bernardo do Campo: IMS, 1987, p. 11-7.

PERUZZO, C.M.K, *Rádio comunitária, educomunicação e desenvolvimento social*. In: PAIVA, R. (org.). *O retorno da comunidade: os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2007. p. 69-94.

PUNTEL, J. T. *Igreja e comunicação comunitária no Brasil*. In: MELO, M. M. (coord.). *Igreja, empresa e comunicação*. São Bernardo do Campo: IMS, 1984, p. 29-35.

VATICANO. *Instrução pastoral Communo et progressio*, 2004. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23051971_communio_po.html>. Acesso em: 21 ago. 2008.